

## O ENSINO DOS PRETÉRITOS *INDEFINIDO* E *PERFECTO COMPUESTO* NAS AULAS DE ELE: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Caroline Alves Soler<sup>1</sup>

Isabel Gretel María Eres Fernández<sup>2</sup>

**RESUMO:** O *Pretérito Indefinido* e o *Pretérito Perfecto Compuesto* do sistema verbal espanhol apresentam estrutura bastante semelhante em relação ao *Pretérito Perfecto Simple* e ao *Pretérito Perfecto Compuesto* da língua portuguesa, embora as referidas formas compostas possuam significados diferentes, o que costuma gerar muitas dúvidas nas aulas de Espanhol como Língua Estrangeira (ELE). Assim, com o objetivo de promover reflexões acerca de possíveis alternativas que minimizem os entraves concernentes ao ensino do tema em questão nas aulas de ELE destinadas a estudantes brasileiros falantes do português, o presente artigo visa a apresentar as dificuldades mais gerais relativas ao assunto respaldado, principalmente, nos conceitos propostos e/ou defendidos por Almeida Filho (1992; 2000; 2006), Durão (2000; 2004), Eres Fernández (2009) e Reis (2011). Em linhas gerais, concluímos que, dentre outros, o problema maior relativo ao assunto gira em torno de uma característica que, a nosso ver, pode ser sanada por meio da análise contrastiva entre os idiomas.

**PALAVRAS-CHAVE:** ensino, *Pretérito Indefinido*, *Pretérito Perfecto Compuesto*, reflexões.

**ABSTRACT:** In the Spanish verbal system, the tenses *Pretérito Indefinido* and *Pretérito Perfecto Compuesto* have very similar structures in relation to the *Pretérito Perfecto Simple* and *Pretérito Perfecto Compuesto* in Portuguese. However, such forms can have different meanings in Spanish, which usually generates confusing in teaching Spanish as a Foreign Language (SFL). Thus, in order to reflect on possible alternatives to minimize this problem facing Portuguese speaking Brazilian students, this article aims to present the most general difficulties related to this matter. This research draws from the concepts proposed and / or defended by Almeida Filho (1992; 2000; 2006), Durão (2000; 2004), Eres Fernández (2009) and Reis (2011). In general, and in our view, it can be concluded that, among others, the problem may be remedied by contrasting the languages of Spanish and Portuguese.

**KEY-WORDS:** teaching, *Pretérito Indefinido*, *Pretérito Perfecto Compuesto*, reflections.

---

<sup>1</sup> Mestre em Linguagem e Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (UNESP - Campus de Araraquara). Professora de Português/Espanhol do Instituto Federal de São Paulo (IFSP - Campus de Cubatão). – csoler@ifsp.edu.br

<sup>2</sup> Professora Doutora aposentada de Metodologia do Ensino de Espanhol da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). – igmefer@usp.br

## Introdução

O presente artigo visa a apresentar um recorte de pesquisa realizada por nós<sup>3</sup> que tratou dos tempos verbais *Pretérito Indefinido*<sup>4</sup> e *Pretérito Perfecto Compuesto* do modo indicativo espanhol, com o intuito de detectar os procedimentos de ensino mais adequados quando do tratamento do assunto nas aulas de Espanhol Língua Estrangeira (ELE) para falantes do português brasileiro devido a que, em geral, os mencionados pretéritos normalmente equivalem a um único tempo verbal em língua portuguesa: o Pretérito Perfeito Simples.

Os motivos que nos levaram a investigar esses tempos verbais espanhóis originaram-se nas dificuldades encontradas por vários de nossos alunos de ELE no momento da sua aprendizagem. Tal situação suscitou uma incessante busca pela melhor forma de abordá-los em sala de aula de maneira que essas dificuldades pudessem ser sanadas ou, ao menos, minimizadas, ainda que houvesse necessidade de reiteradas explicações sobre o assunto. Contudo, ao investigar possíveis formas de ensinar os referidos tempos verbais, deparamo-nos com outras dificuldades relacionadas ao ensino desse tema em sala de aula, o que gerou o interesse por realizar uma pesquisa mais profunda e abrangente a respeito.

Respaldados em algumas obras destinadas à gramática normativa tanto da língua espanhola (RAE, 2006; 2010; ALARCOS LLORACH, 1995) quanto da língua portuguesa (ALMEIDA, 1973; BECHARA 2009; CUNHA; CINTRA, 2007), constatamos que os destacados tempos verbais de ambos os idiomas são organizados de maneira muito semelhante, pois se enquadram na variação aspectual perfeita, isto é, fazem parte do Pretérito Perfeito do modo indicativo e servem, portanto, para expressar ações concluídas que podem ter algum tipo de relação com o tempo presente. Verificamos, ainda, que tais manuais gramaticais da língua espanhola enfatizam o significado básico dos tempos verbais citados, isto é, caracterizam o *Pretérito Indefinido* como tempo passado que não se vincula ao presente e o *Pretérito Perfecto Compuesto* como forma, também pretérita, que expressa

---

<sup>3</sup> Dissertação de Mestrado. Cabe ressaltar que este artigo contém várias passagens extraídas e transcritas *ipsis litteris* do mencionado trabalho.

<sup>4</sup> De acordo com Musto (2010, p. 6), somente após a publicação do *Esbozo*, em 1973, a RAE passou a denominar o *Pretérito Indefinido* como *Pretérito Perfecto Simple* com vistas à contraposição com a forma composta correspondente: o *Pretérito Perfecto Compuesto*. No entanto, essa modificação não foi muito bem sucedida já que muitos materiais didáticos de ELE da atualidade ainda o apresentam como *Pretérito Indefinido*. Dada essa oscilação e até prevalência desta última denominação optamos, neste artigo, pela terminologia *Pretérito Indefinido* quando do tratamento da destacada forma simples, a fim de padronizar e diferenciar os tempos verbais em pauta.

acontecimentos que estão relacionados ao momento da fala, o que não contempla o uso dos destacados tempos em sua totalidade, uma vez que a referida forma composta em língua espanhola pode, ademais, ser empregada para fazer referência a acontecimentos passados que, independente de serem recentes ou distantes, podem influenciar o momento da enunciação segundo a percepção do falante no tocante à situação expressada (valor psicológico). Tal possibilidade de uso refuta o entendimento de que essas formas verbais devem estar atreladas a expressões temporais que definem a escolha pelo uso de um tempo verbal ou outro, visão muito difundida em diferentes materiais didáticos (como por exemplo, MARTIN, 2010; PICANÇO, VILLALBA, 2010; OSMAN et al., 2010) e acadêmicos de ELE (tais como GUTIÉRREZ ARAUS, 1997 e DURÃO E ANDRADE, 2004, entre outros), os quais, por sua vez, não refletem a complexidade e realidade plena do uso da língua.

Sendo assim, o recorte que fazemos aqui diz respeito às dificuldades mais gerais relacionadas ao ensino desses pretéritos nas aulas de ELE para estudantes falantes do português brasileiro, com o objetivo promover reflexões acerca de possíveis alternativas que minimizem os entraves concernentes ao tratamento do tema em questão.

O referencial teórico utilizado na pesquisa que originou este artigo baseou-se, principalmente, nos conceitos propostos e/ou defendidos por Almeida Filho (1992; 2000; 2006), Durão (2000; 2004), Eres Fernández (2009) e Reis (2011), bem como em algumas das reflexões contidas nas *Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e suas Tecnologias* (BRASIL, 2006), doravante OCEM. No entanto, para tratar das dificuldades e crenças relativas ao assunto, efetuamos, primeiro, uma breve explanação dos usos e valores dos destacados tempos verbais em ambos os idiomas.

## **1. Os pretéritos em língua espanhola e língua portuguesa**

Antes de abordar as dificuldades e crenças relativas ao ensino do *Pretérito Indefinido* e do *Pretérito Perfecto Compuesto* nas aulas de ELE, discorreremos sucintamente sobre os usos e valores dos referidos tempos verbais em língua espanhola e em língua portuguesa. Para tanto, respaldamo-nos nos princípios defendidos pela RAE (2010) e nas considerações apresentadas por Matte Bon (2010a), com relação ao idioma espanhol, e nas ideias propostas por Bechara (2009), Cunha e Cintra (2007) e Neves (2000), no tocante ao português.

### 1.1. Usos e valores do *Pretérito Indefinido* e do *Pretérito Perfecto Compuesto*

A *Nueva Gramática de la RAE* (2010, p. 429) afirma que os tempos são divididos em simples e compostos, sendo que estes são formados pelo “auxiliar *haber* e o particípio correspondente do verbo principal ou auxiliado, que não mostra características flexivas”<sup>5</sup>.

Além disso, o *Pretérito Perfecto Compuesto*

[...] expressa a ‘anterioridade’ da situação denotada em relação a um ponto de referência situado no presente, caracterizando-o como tempo relativo. Assim, [...] ‘*he cantado*’ é usado para fazer referência a certas situações pretéritas, sejam pontuais ou prolongadas. Estas situações se realizam num intervalo iniciado num ponto não específico do passado e se prolonga até o momento da enunciação, incluindo-o [...]. Como consequência, as situações são avaliadas ou medidas desde o momento em que se fala.<sup>6</sup> (RAE, 2010, p. 438, destaques no original)

Como podemos observar, a RAE (2010, p. 429) considera que o *Pretérito Perfecto Compuesto* faz referência a um momento anterior ao da enunciação que se prolonga até o presente. Entretanto, também menciona a existência de uma segunda interpretação relativa ao uso do referido tempo verbal denominada “*interpretación perfectiva o de aoristo*”<sup>7</sup>, ou seja, quando o *Pretérito Perfecto Compuesto* (*ha muerto*) assume significado correspondente ao *Pretérito Indefinido* (*murió*). (RAE, 2010, p. 438) De acordo com esta obra, essa é uma característica presente no espanhol boliviano, mas que também pode ser observada em outras regiões do universo hispanofalante.

Ainda segundo a RAE, o *Pretérito Perfecto Compuesto* (*he cantado*) possui relação com o presente (*canto*) devido à sua estrutura sintática (*ha* [presente do verbo *haber*] + particípio do verbo *cantar*), assim como ao significado que a terminologia *antepresente*<sup>8</sup> reflete com exatidão. Neste caso, ocorre a concordância em relação ao tempo do verbo auxiliar e alguns demonstrativos e adjetivos:

---

<sup>5</sup> No original: *auxiliar haber y el participio correspondiente del verbo principal o auxiliado, que no muestra rasgos flexivos.*

<sup>6</sup> No original: [...] *expresa la ‘anterioridad’ de la situación denotada con respecto a un punto de referencia situado en el presente, lo que lo caracteriza como tiempo relativo. Así pues, [...] ‘he cantado’ se usa para hacer referencia a ciertas situaciones pretéritas, sean puntuales o durativas. Estas situaciones tienen lugar en un intervalo que se abre en un punto inespecífico del pasado y se prolonga hasta el momento de la enunciación y lo incluye [...]. Como consecuencia, las situaciones son evaluadas o medidas desde el momento del habla.*

<sup>7</sup> Segundo o *Diccionario de la lengua española*, o termo *aoristo* designa a categoria passível de ser combinada com o tempo e o modo e pode indicar uma ação pontual ou uma ação considerada em conjunto, sem ressaltar a sua duração. (Disponível em: <<http://lema.rae.es/drae/?val=aoristo>>. Acesso: 05 maio 2015.

<sup>8</sup> Segundo a RAE (2010, p. 438), *antepresente* é uma terminologia proposta por Andrés Bello para designar o *Pretérito Perfecto Compuesto* (HE CANTADO) que expressa a anterioridade de uma determinada situação em relação ao tempo presente.

Assim, *este* em *En 'este' año hemos avanzado mucho*, não alterna com *ese* ou *aquel*, nem os adjetivos *presente* (*En el 'presente' curso han aprobado todo*) ou *actual* (*En la 'actual' coyuntura, la empresa ha decidido vender*) admitem ser substituídos por *pasado* ou *anterior*.<sup>9</sup> (RAE, 2010, p. 438, destaques no original)

Já no que se refere ao *Pretérito Indefinido* (*canté*), observamos que a RAE (2010, p. 441) o considera como um tempo verbal que expressa uma ação anterior ao momento da fala, exprimindo, assim, situações completas e acabadas, além do que, segundo a obra:

O aspecto perfectivo de '*canté*' explica também que o *pretérito indefinido* não faz referência a ações repetidas ('*Me lo pidió*' sugere '*Me lo pidió una vez*') a não ser que um complemento de frequência proporcione o referido significado: *Después de ese breve encuentro, se 'vieron todos los días' [...]; Me lo 'pidió incontables veces' durante estos años [...]*.<sup>10</sup> (RAE, 2010, p. 441, destaques do original)

Ainda de acordo com a mesma Gramática (RAE, 2010, p. 441-443), o *Pretérito Indefinido* também pode sugerir uma interpretação incoativa, antecipativa e resultativa. A interpretação incoativa ocorre quando adjuntos temporais em conjunto com o mencionado pretérito indicam o momento em que uma pessoa inicia uma determinada ação momentânea, como em: *Estudió matemáticas a las siete; Vimos la telenovela a las ocho*. A interpretação antecipativa, por sua vez, refere-se a situações relacionadas à linguagem oral quando se antecipa a ação, como, por exemplo, em: *Se cayó (el vaso)*, situação iminente que se concretiza logo após a mencionada frase ser enunciada. Já a interpretação resultativa é formada com os verbos de medida (*costar, medir, pesar*) e relaciona-se a situações nas quais podemos interpretar a existência de uma ação prévia, como em *Aquel niño midió 1,10m de altura*, informando-nos o *resultado* da altura de uma determinada criança.

Segundo a RAE (2010, p 442), a repetição de *Pretéritos Indefinidos* reproduz a ordem em que os fatos ocorreram, permitindo o efeito de agilidade e de vivacidade às narrações, como em: '*Observó*' *la inmensidad del cielo*, '*miró*' *hacia sus bellos ojos oscuros y le 'dijo*' *con una aterciopelada voz que le 'amó*' *desde el primer día que la 'vió*'.

---

<sup>9</sup> No original: *Así, este en En 'este' año hemos avanzado mucho, no alterna con ese o aquel, ni los adjetivos presente (En el 'presente' curso han aprobado todo) o actual (En la 'actual' coyuntura, la empresa ha decidido vender) admiten ser sustituidos por pasado o anterior.*

<sup>10</sup> No original: *La perfectividad de 'canté' explica también que el pretérito perfecto simple no haga referencia a acciones repetidas ('Me lo pidió' sugiere 'Me lo pidió una vez') a no ser que un complemento de frecuencia aporte dicho significado: Después de ese breve encuentro, se 'vieron todos los días' [...]; Me lo 'pidió incontables veces' durante estos años [...].*

De acordo com a mesma obra, o *Pretérito Indefinido* pode ser utilizado em predicados que representam situações não permanentes as quais são delimitadas por expressões temporais, como nos seguintes exemplos:

- ✓ *Solo viajó ‘durante un mes’.*
- ✓ *Guardó los juguetes ‘durante toda su infancia’.*

Também pode ser usado para expressar situações permanentes, embora, nesse caso, apresentem-se algumas restrições uma vez que, pela ausência de delimitação, o predicado recusa o aspecto perfectivo e, por conseguinte, o *Pretérito Indefinido* em casos nos quais se opta pela forma verbal *era* ao invés de *fue* como, por exemplo, em: *Julia fue / era una mujer muy pobre; Fabio fue / era un niño adorable.* (RAE, 2010, p. 442)

Ainda segundo a RAE (2010, p. 442), a maioria dos predicados de estado aceita uma restrição *parcial* ou *convencional* em relação ao tempo, o que viabiliza a referência a situações de caráter transitório, as quais se tornam aceitáveis “na medida em que nosso conhecimento de mundo nos informa que as propriedades mencionadas estão sujeitas a mudanças circunstanciais”<sup>11</sup>, como em *Fue delgada*. Nesse exemplo, podemos acrescentar uma expressão temporal com o objetivo de delimitar o tempo em que determinada pessoa possuía a mencionada característica: *Fue delgada (hasta los 20 años)*.

Para a RAE (2010, p. 442-443), o *Pretérito Indefinido* também pode ser utilizado para expressar uma delimitação existencial, isto é, quando os limites se referem à existência do sujeito da predicação como, por exemplo, na frase *Pablo fue médico* que pode remeter ao fato de o sujeito ter exercido tal profissão durante o seu tempo de vida, no caso da mencionada sentença fazer parte de um texto biográfico.

Após a descrição dos valores que ambos os pretéritos abordados podem assumir em diferentes contextos, a RAE (2010, p. 443) apresenta um item que trata da oposição entre eles. De acordo com essa obra, tal diferença está relacionada basicamente ao fato de que o *Pretérito Indefinido* é considerado um tempo absoluto e o *Pretérito Perfecto Compuesto* um tempo relativo. Apenas com a forma composta se relaciona o momento em que se fala como parte desse intervalo de tempo; já com a forma simples não é possível estabelecer nenhuma relação entre a ação e o presente. Contudo, há divergências no uso de um tempo verbal e outro em diferentes regiões onde o espanhol é idioma oficial:

---

<sup>11</sup> No original: *en la medida en que nuestro conocimiento del mundo nos informa de que las propiedades que se mencionan están sujetas a cambios circunstanciales.*



A forma *CANTÉ* admite empregos que podem incluir também os usos característicos de *HE CANTADO* em muitos países americanos. Nessas áreas linguísticas são possíveis, na realidade, as duas opções que se mostram em tais contrastes: *Mi hijo {sacó ~ ha sacado} sobresaliente en Matemáticas alguna vez (perfecto de experiencia); Es la mejor novela que {publicó ~ ha publicado} hasta ahora (perfecto continuo); Se {convirtió ~ ha convertido} en un punto de referencia para nuestros jóvenes (perfecto resultativo); ¡Cómo {creció ~ ha crecido} este muchacho! (perfecto de hechos recientes o evidencial)*. Existem, entretanto, alguns casos particulares. Dessa forma, na área rio-platense alternam as duas opções *Marta no {ha llegado ~ llegó} todavía (perfecto continuo)*, enquanto nas demais áreas quase sempre é escolhida a primeira.<sup>12</sup> (RAE, 2010, p. 443)

Sendo assim, observamos que, segundo a RAE (2010) em muitos países hispano-americanos o *Pretérito Indefinido* e o *Pretérito Perfecto Compuesto* podem ser utilizados de forma alternada.

Ainda conforme a RAE (2006, p. 465), a relação do *Pretérito Perfecto Compuesto* com o tempo presente pode ser real, pensada ou percebida pelo enunciador. Assim, e de acordo com a mesma obra (2006, p. 465-466), além de servir para expressar o passado imediato, como no caso de um orador que profere a sentença *he dicho* ao término do seu discurso ou para exprimir situações passadas cujas consequências repercutem no tempo presente, a referida forma verbal também pode ser usada para expressar acontecimentos cujo vínculo com o tempo presente é afetivo como, por exemplo, em *Mis padres han muerto hace diez años*, quando a referência ao fato expresso por meio do *Pretérito Perfecto Compuesto* denota que as consequências sentimentais do fato ainda perduram no presente, diferente de *Mis padres murieron hace diez años* que exprime uma informação cuja influência emocional do locutor apresenta-se neutralizada.

De igual modo, com base nas afirmações de Rojo (1974 apud CARTAGENA, 1999, p. 2945), Cartagena declara que o *Pretérito Perfecto Compuesto* costuma ser empregado para expressar acontecimentos mais próximos ao momento da enunciação por estar atrelado ao tempo presente. Contudo, essa proximidade com o momento atual do enunciador pode ser de

---

<sup>12</sup> No original: *La forma CANTÉ admite empleos que pueden abarcar también los característicos de HE CANTADO en muchos países americanos. En esas áreas lingüísticas son posibles, en efecto, las dos opciones que se muestran en tales contrastes: Mi hijo {sacó ~ ha sacado} sobresaliente en Matemáticas alguna vez (perfecto de experiencia); Es la mejor novela que {publicó ~ ha publicado} hasta ahora (perfecto continuo); Se {convirtió ~ ha convertido} en un punto de referencia para nuestros jóvenes (perfecto resultativo); ¡Cómo {creció ~ ha crecido} este muchacho! (perfecto de hechos recientes o evidencial). Existen, sin embargo, algunos casos particulares. Así, en el área rioplatense alternan las dos opciones de Marta no {ha llegado ~ llegó} todavía (perfecto continuo), mientras que en las demás áreas se elige casi siempre la primera.*

caráter psicológico e não apenas temporal. “Deste modo podem ser explicadas orações como: *Lo he visto anoche; Ha nacido ayer.*”<sup>13</sup> (CARTAGENA, 1999, p. 2945)

Observamos, então, que, tanto de acordo com a RAE (2006) quanto segundo Cartagena (1999), a combinação de expressões temporais que indicam um espaço de tempo concluído com o *Pretérito Perfecto Compuesto* só é inteligível em situações que denotam uma relação sentimental do falante com o fato ocorrido.

Consoante às ideias de Matte Bon (2010a),

Entre todos os tempos de que dispõe o espanhol, o *pretérito indefinido* é, sem dúvida, o mais marcado pela problemática temporal: está estreitamente relacionado ao passado no tocante ao momento da enunciação, sendo utilizado para informar sobre fatos passados, contar estritamente os fatos em si, sem tentar criar nenhum tipo de perspectiva específica.<sup>14</sup> (MATTE BON, 2010a, p. 19)

Conforme o mencionado teórico (2010a, p. 23), é comum a explicação de que o *Pretérito Indefinido* se relaciona a processos duradouros, reiterados ou pontuais. Contudo, para o estudioso, essa definição não condiz com a análise desse tempo, pois “não existem acontecimentos que, por si mesmos, exijam o emprego do *Pretérito Indefinido* mais que o do *Imperfecto* ou o de um tempo composto. Um mesmo acontecimento pode ser relatado de diferentes maneiras mediante o emprego de um ou outro desses tempos”.<sup>15</sup> Ainda de acordo com ele, a compreensão do uso do *Pretérito Indefinido* não deve estar atrelada aos acontecimentos extralinguísticos em si, visto que o enunciador pode fazer referência a eles por meio da língua de diferentes formas segundo seus desígnios em dada ocasião. Ele afirma, também, que o mencionado tempo verbal pode ser utilizado para exprimir fatos passados tanto oralmente quanto de maneira escrita.

De acordo com o mesmo gramático e com as demais obras consultadas, o *Pretérito Perfecto Compuesto*, ao qual ele também se refere como *passado no presente*, é formado pelo verbo auxiliar *haber* sucedido de outro verbo no particípio (*haber + participio*) como, por exemplo, em *he salido, hemos partido* etc.

<sup>13</sup> No original: *De este modo pueden explicarse oraciones como: Lo he visto anoche; Ha nacido ayer.*

<sup>14</sup> No original: *Entre todos los tiempos de que dispone el español, el pretérito indefinido es, sin duda, el más marcado por la problemática temporal: está estrechamente relacionado con el pasado respecto al momento de la enunciación, y se utiliza para informar sobre hechos pasados, contar estrictamente los hechos en sí, sin crear ningún tipo de perspectiva específica.*

<sup>15</sup> No original: *no existen acontecimientos que, por sí mismos, exijan el empleo del pretérito indefinido más que el del imperfecto o el de un tiempo compuesto. Un mismo acontecimiento puede ser relatado de distintas maneras mediante el empleo de uno u otro de estos tiempos.*



Para Matte Bon (2010a, p. 112), quando o enunciador utiliza o *Pretérito Perfecto Compuesto* não deseja relatar o acontecimento em si, mas relacioná-lo com o presente do indicativo, destacando “o que foi dito como algo provisório, ou assinala que não pode considerá-lo totalmente como pertencente ao passado, porque não sabe se acontecerão mais coisas”.<sup>16</sup> Segundo o especialista, o *Pretérito Perfecto Compuesto* costuma ser utilizado sem nenhum tipo de marcador temporal ou com marcadores temporais que remetam a um tempo passado não acabado.

✓ *¿Has visto aquella nueva película?*

*Sí, la he visto cinco veces.*

✓ *Esta semana he visto aquella nueva película.*

Entretanto, o tempo verbal mencionado pode ser encontrado em contextos nos quais um marcador temporal acrescentado ao final da enunciação e após o uso do *Pretérito Perfecto Compuesto* faça referência a um tempo acabado, como em:

✓ *He leído este libro... El mes pasado.*

Contudo, segundo o teórico, também devemos levar em conta que em usos dialetais de algumas regiões espanholas, como Leão, Astúrias, Burgos, entre outras,

[...] ainda quando o *pretérito perfecto compuesto* vai acompanhado de algum tipo de marcador temporal, dificilmente poderá tratar-se de marcadores temporais que remetam a um passado acabado, visto que se trata de um tempo do presente: *\*El año pasado me he comprado un coche.*<sup>17</sup> (MATTE BON, 2010a, p. 113)

Para Matte Bon (2010a, p. 114), é preferencial o emprego do *Pretérito Perfecto Compuesto* com os marcadores temporais que apontam unidades de tempo inacabadas. Todavia, esse é um critério considerado subjetivo pelo autor, pois, conforme as intenções ou o momento ao qual esteja voltada a atenção do enunciador acerca do enunciado, um fato pode

---

<sup>16</sup> No original: *lo dicho como algo provisional, o señala que no puede considerarlo del todo como perteneciente al pasado, porque no sabe si van a suceder más cosas.*

<sup>17</sup> No original: *[...] aun cuando el pretérito perfecto va acompañado de algún tipo de marcador temporal, dificilmente puede tratarse de marcadores temporales que remitan a un pasado acabado, puesto que se trata de un tiempo del presente: \*El año pasado me he comprado un coche.*

ser tido como distante, ou seja, sem ligação com o presente, ainda que faça referência a um período inacabado como hoje, esta semana, este ano, tornando possíveis construções como *Esta manhã estudei espanhol*<sup>18</sup>. Isto é, a unidade de tempo *manhã* ou o espaço-temporal *dia* pode não ter acabado, mas o enunciador sente a sua relação com o fato completamente terminada.

Sendo assim, consoante as ideias de Matte Bon (2010a), o uso do tempo verbal *Pretérito Indefinido* bem como do *Pretérito Perfecto Compuesto* varia de acordo com a maneira como o enunciador percebe ou sente a sua relação com o fato enunciado. Segundo o estudioso, a oposição entre um tempo verbal e outro é uma questão estritamente linguística que não se relaciona ao uso que o falante faz do idioma no dia a dia. Para Matte Bon (2010a, p. 115), não devemos buscar a oposição entre os referidos tempos verbais para não incorrer no erro de acreditar, por exemplo, que o *Pretérito Perfecto Compuesto* se refere a ações mais recentes.

Dessa maneira, notamos que a definição dos pretéritos em pauta proposta tanto pela RAE (2010) quanto por Matte Bon (2010a) contempla de maneira detalhada as suas diferentes possibilidades de uso, posto que considera o idioma com vistas a uma perspectiva comunicativa, não os atrelando apenas a uma definição estrutural e sistemática.

## 1.2 Usos e valores do Pretérito Perfeito Simples e do Pretérito Perfeito Composto

De acordo com Cunha e Cintra (2007, p. 469), o Pretérito Perfeito Simples do Indicativo serve para expressar uma ação completamente concluída, momentânea e definida no tempo. Já o Pretérito Perfeito Composto, formado pelo Presente do Indicativo do verbo *ter* e o particípio do verbo principal, expressa um fato repetido ou contínuo relacionado com o tempo presente, o que torna a diferença entre o emprego de um tempo verbal e outro bastante evidente, como podemos observar nos seguintes exemplos:

- ✓ *Sai* pela manhã e só *cheguei* à noite.
- ✓ *Tenho lido* vários livros com os quais *tenho aprendido* muito.

Segundo os mencionados teóricos (2007, p. 469), o Pretérito Perfeito Simples também pode expressar uma ação repetida ou contínua quando acompanhado de advérbios ou locuções

---

<sup>18</sup> Tradução livre nossa: Hoje de manhã/Esta manhã estudei espanhol.

adverbiais, tais como *sempre*, *frequentemente*, *várias vezes*, entre outros, visto que a noção de repetição ou de continuidade é dada pelo advérbio que modifica o verbo. Vejamos os exemplos:

- ✓ Elas *sempre estiveram* juntas.
- ✓ Márcia o *avisou várias vezes*, mas Marcos, infelizmente, não a *ouviu*.

Bechara (2009, p. 278) esclarece que o Pretérito Perfeito Simples e o Pretérito Perfeito Composto se inserem no modo indicativo do sistema verbal da língua portuguesa, sendo que o primeiro se relaciona a uma ação ocorrida em um espaço de tempo determinado enquanto o segundo está relacionado aos verbos de conjugação composta, formando-se pelo verbo *ter* ou *haver* no presente do indicativo mais outro verbo no particípio e pode expressar um fato repetido ou estendido relacionado ao momento da fala (fato habitual), como em: *Tenho trabalhado* muito naquele projeto, ou um fato consumado como, por exemplo, na expressão *Tenho dito*, utilizada no final de um discurso.

Neves (2000, p. 25), em sua *Gramática de usos do português*, afirma que, de maneira geral, os verbos constituem os predicados das orações os quais, por sua vez, possuem “propriedades sintáticas e semânticas, como a forma lexical, a categoria, o número e a função semântica dos termos, além das restrições de seleção a estes impostas”, sendo que os verbos modalizadores, os verbos que indicam aspecto, bem como os que auxiliam a indicação de tempo e voz, não representam predicados. De acordo com a autora, no que tange à classificação semântica, há três classes principais de predicados verbais: dois dinâmicos e um não-dinâmico. A classificação dinâmica está subdividida em ações ou atividades – relacionadas àquilo que alguém faz ou provoca – e processos – concernentes às coisas que acontecem. Já os verbos não-dinâmicos são acompanhados por um sujeito que os sustenta e os define como, por exemplo, na frase: Marcos *permaneceu* sentado. Por fim, a especialista também faz referência aos verbos que se inserem em orações sem sujeito como em: *Está tarde.* / *É sábado.* Neste caso, as orações envolvem um processo ou um estado que independe da ação de um sujeito. (NEVES, 2000, p. 26)

Para Neves (2000), também é importante considerar o parâmetro da perfectividade (ou acabamento) - com base no qual ela também destaca o aspecto verbal - com relação às predicções dinâmicas, as quais podem ser classificadas em télicas (acabadas) e não-télicas (inacabadas). Vejamos alguns exemplos:

- ✓ Marcos *elaborou* o projeto.
- ✓ Pedro *lavou* o carro.
- ✓ A chuva *caiu* em silêncio.
- ✓ Luana *perdeu* o encerramento do curso.

Os quatro exemplos anteriores aludem a predicções dinâmicas télicas, entretanto, as duas primeiras frases exprimem ações com controle e as demais processos sem controle. Observamos, portanto, que as orações constituídas por verbos conjugados no pretérito perfeito simples (*elaborou*, *lavou*, *caiu* e *perdeu*) representam uma ação ou um processo acabado.

Neves (2000) trata dos verbos sem mencionar a nomenclatura dos tempos verbais, referindo-se a eles apenas como tempos de presente, passado ou futuro, o que difere das gramáticas tradicionais, em geral.

Assim, consoante às definições apresentadas, concluímos que os tempos verbais em destaque possuem características muito semelhantes tanto em língua portuguesa quanto em língua espanhola, visto que em ambos os idiomas a forma simples é utilizada para expressar ações passadas que não se relacionam com o momento da fala e a forma composta é empregada para exprimir situações pretéritas vinculadas ao momento da enunciação, ou seja, ao tempo presente. Entretanto, também observamos que, em espanhol, há divergências no tocante a variações linguísticas, sociais, culturais e diatópicas. Além disso, há diferenças relativas ao significado das formas compostas entre os referidos idiomas, o que pode gerar dificuldades para o professor e para o aluno nas aulas de ELE, em virtude da falta de conhecimento e de informação apropriada acerca do assunto. Dessa forma, no próximo item, tratamos de algumas convergências, dificuldades e crenças relacionadas ao assunto em pauta.

## **2. Entre convergências, dificuldades e crenças**

As convergências relacionadas aos tempos de pretérito em estudo se referem, de maneira geral, à equivalente estrutura em língua espanhola e em língua portuguesa embora, especialmente, as formas compostas abranjam usos e valores diferentes, o que contribui para o surgimento de algumas dificuldades tanto no ensino de ELE para falantes do português brasileiro quanto na sua aprendizagem.

As semelhantes formas desses tempos verbais decorrem do fato de que ambas as línguas, ao lado do italiano e do francês, por exemplo, tiveram sua origem no latim vulgar.

Contudo, dos idiomas provenientes dessa mesma raiz, os enfocados em nossa discussão são os que apresentam maior afinidade, fato que costuma ocasionar muita resistência no tocante à aprendizagem da língua espanhola no Brasil. Infelizmente, ainda nos dias atuais, para muitos, falar espanhol significa apenas “enrolar a língua”, modificar “um pouco” o sotaque ou até mesmo apelar para a “ditongação” de algumas palavras (\*cientro, \*brasilenia, \*mietros, \*solamiente etc.), dentre outros aspectos decorrentes do pensamento de que a língua espanhola é sinônimo de uma língua “fácil”, sendo, portanto, desnecessário o seu estudo aprofundado.

De acordo com Gregolin (2002), essa maneira de pensar está relacionada especialmente aos brasileiros os quais, muitas vezes, restringem as diferenças desse idioma estrangeiro apenas a meras questões sistemáticas em comparação com a língua portuguesa:

Essa ideia de “proximidade” cria vários efeitos de sentido, entre os quais, o que mais tem interferido na aprendizagem de ambas as línguas é a compreensão de que “espanhol e português são muito parecidos” e que, por isso, não há porque estudá-las sistematicamente. Com base nesta premissa equivocada, pensa-se – principalmente no Brasil – que “espanhol é fácil” e que a diferença entre as línguas resume-se a algumas problemáticas linguísticas, como a estruturação sintática, a distinção fonética, os exemplos de “falsos cognatos”, etc. (GREGOLIN, 2002, p. 11-12)

A menção do pensamento referente à suposta facilidade da língua espanhola para os falantes do português brasileiro também pode ser observada nas OCEM - no capítulo específico sobre “Conhecimentos de espanhol” (BRASIL, 2006, p. 128), quando se reportam ao momento em que a língua espanhola passou a se destacar nos mais diversos âmbitos da sociedade brasileira:

Estereótipos de todo o tipo, sobre a língua e sua suposta facilidade para os brasileiros... A “língua fácil”, “língua que não se precisa estudar” (falas que circulam no senso comum), ganha um novo lugar e um novo estatuto a partir da assinatura do Tratado do Mercosul, passa a ocupar novos e mais amplos espaços, torna-se objeto de atenções, preocupações e projeções quanto ao seu alcance, seu êxito e às suas consequências, por parte de vários segmentos da sociedade, seja no âmbito dos negócios, no âmbito educativo, acadêmico, político, e no discurso da imprensa, que ora se mostra favorável, ora contrária, ora reticente, mas raramente indiferente a essa nova situação.

Cabe ressaltar que tais afirmações nos conduzem a relembrar algumas situações vivenciadas em sala de aula, quando de nossa atuação docente, nas quais muitos estudantes

brasileiros de ELE partilhavam desses mesmos pensamentos acerca da suposta facilidade da língua espanhola devido à sua relativa semelhança com a língua portuguesa. Entretanto, logo após o início do estudo efetivo do mencionado idioma estrangeiro, percebiam que cada um possuía suas particularidades e eram, portanto, diferentes um do outro. Somente então mudavam de opinião sobre o assunto e admitiam que, inicialmente, o espanhol parecia ser fácil, mas, na verdade, era difícil, além de ser distinto da língua portuguesa.

Salinas (2005, p. 54-55) destaca a relativa proximidade existente entre o português e o espanhol e afirma que o ensino de ELE no Brasil deveria considerar essa característica, isto é, tirar proveito dela visto que, se bem orientada, contribui para a geração de um ambiente de confiança aos estudantes, possibilitando uma melhor comunicação entre professor e aluno; entretanto, é preciso considerar que o efeito contrário talvez surja, uma vez que essa aproximação entre os idiomas também pode provocar interferências da língua materna sobre a língua estrangeira devido à mescla que os estudantes podem fazer.

Já Alcaraz (2005, p. 195-196) afirma que a semelhança entre as referidas línguas está relacionada à origem comum que possuem e se reporta a uma das afirmações de Almeida (1973) quando este diz que, dentre os idiomas de origem românica, a língua portuguesa e a língua espanhola são as que possuem maior afinidade. Ainda de acordo com a autora (2005, p. 197-199), ao invés de ajudar, tal característica pode gerar dificuldades na aprendizagem de ELE para falantes do português brasileiro, pois o aluno pode estagnar em uma interlíngua, distanciando-se, assim, da língua meta.

Sem explicitar quais seriam os pesquisadores, em um de seus artigos, Durão (2000, p. 43) afirma que alguns estudiosos vêm investigando acerca da semelhança e da diferença entre línguas, visando a descobrir se tais características facilitam ou prejudicam o processo de aprendizagem de um determinado idioma, sendo que uns procuram demonstrar que as línguas próximas são mais fáceis de serem aprendidas e outros visam a comprovar justamente o contrário. Nesse sentido, podemos nos reportar aos estudos de Alcaraz (1997) e Camorlinga (1997), por exemplo, os quais consideram que as semelhanças entre a LM e a LE podem auxiliar no ensino e na aprendizagem do novo idioma, enquanto as diferenças podem interferir, negativamente, no referido processo.

Tanto no tocante às convergências e às divergências entre os tempos de pretérito em análise quanto em relação aos diferentes estudos acerca da relativa proximidade existente entre as formas verbais em língua espanhola e em língua portuguesa bem como sobre as crenças que permeiam o ensino e aprendizagem dessa língua estrangeira, observamos certa ênfase nas dificuldades de aprendizagem, ou seja, nos problemas encontrados pelos alunos.



Contudo, entendemos que as maiores dificuldades vinculadas às formas verbais em questão nas aulas de ELE são, em primeira instância, do professor que aborda o assunto de maneira superficial e pouco adequada, talvez porque ele mesmo não o compreenda em profundidade. Assim, consideramos que estamos diante muito mais de um problema de ensino do que de um problema de aprendizagem.

Por tratar-se de um aspecto diretamente relacionado à gramática da LE, entendemos que o ensino dos tempos verbais em pauta ocorre de maneira metódica e descontextualizada<sup>19</sup> devido a que, em geral, o entendimento acerca do conceito de gramática está atrelado ao estudo de regras (muitas vezes vinculadas apenas à norma culta, modalidade escrita), de memorização e de repetição, a exemplo das reflexões de Bechara (2006), Matte Bon (2009; 2010b), Sánchez Pérez (2000) e Neves (2002). De acordo com Sánchez Pérez (2000, p. 24), tal concepção resulta da maneira como o ensino de línguas era realizado na antiguidade, época em que a aprendizagem de um idioma materno ou estrangeiro era associada apenas ao domínio da gramática e estava pautada na metodologia romana de ensino. Nesse sentido, verificamos ainda hoje a prevalência, em muitos contextos, de um ensino alinhado com os princípios postulados pelo Método Gramática e Tradução e, em outros, com os preceitos defendidos pelos métodos de linha estruturalista. Assim, não é raro que nos programas de curso e em vários materiais didáticos o uso e os valores efetivos dos tempos verbais que nos interessam sejam ignorados, total ou parcialmente.

Neves (2002) destaca, também, o desprezo de alguns professores de língua portuguesa pelo assunto. Em entrevista realizada por ela, os docentes afirmaram que ensinavam a gramática, apesar de julgarem-na inútil, e que costumavam transmiti-la apenas com base em conteúdos estabelecidos nos livros didáticos que, segundo a referida estudiosa, habitualmente propõem uma descrição sistemática da língua (NEVES, 2002, p. 238).

Constatação semelhante apresenta Reis (2011, p. 135-181), ao afirmar que a maioria dos alunos e dos professores de um curso de Licenciatura em Letras Estrangeiras Modernas – Habilitação Língua Espanhola vinculava o ensino e a aprendizagem de verbos a um enfoque sistemático, gradativo e regular, além de considerar importante a aplicação de exercícios estruturais no decorrer do referido processo, embora os professores também julgassem relevante a inclusão de atividades comunicativas com vistas à prática das regras formais sobre o assunto. Reis (2011) destaca ainda que, enquanto os docentes optavam pela apresentação

---

<sup>19</sup> Neste contexto, entendemos por metódico e descontextualizado o ensino dos tempos verbais com base em sua conjugação sistemática e na aplicação de exercícios de fixação repletos de frases desvinculadas de um contexto, por exemplo. Em outras palavras, é aquele ensino que enfatiza e prioriza as formas e flexões e não considera devidamente os usos que os falantes fazem delas e os valores que a elas atribuem.

contextualizada das estruturas verbais para posterior prática de exercícios, os alunos, futuros professores de ELE, preferiam receber tais explicações anteriormente à sua contextualização por meio de exemplos e exercícios práticos.

Entendemos que a preferência desses alunos pelos procedimentos metodológicos mais conservadores estão atrelados à prevalência e à consolidação do Método Gramática e Tradução ao longo dos séculos, bem como à concepção de gramática mais difundida na sociedade e de suas crenças sobre como se aprende um novo idioma. Inferimos, ainda, que tal resultado reflete a maneira como eles aprenderam verbos no decorrer de sua vida escolar e que há grandes possibilidades de que, uma vez inseridos no contexto pedagógico, eles também sigam esses mesmos procedimentos em suas aulas, perpetuando, dessa forma, uma concepção tradicionalista de ensinar e aprender línguas.

Nessa mesma linha de raciocínio e com base nas reflexões de Neves (2002), nas constatações de Reis (2011), assim como em comentários informais de alunos e de professores de línguas quando de nossa atuação docente, além de levarmos em conta a maneira pela qual alguns materiais didáticos tratam o assunto, consideramos que, em geral, o ensino do *Pretérito Indefinido* e do *Pretérito Perfecto Compuesto* consiste na apresentação das mencionadas formas verbais, em explicações superficiais e na aplicação de exercícios de fixação que pouco esclarecem o assunto e, por conseguinte, não são capazes de explorar suas diferentes possibilidades de uso.

De modo geral, um dos recursos mais utilizados pelos docentes tanto para preparar aulas quanto para ministrá-las é o livro didático. Conforme Reis (2011, p. 189), os professores e os alunos entrevistados por ela concebiam que os materiais didáticos são instrumentos imprescindíveis ao processo de ensino e de aprendizagem de verbos. Segundo a pesquisadora (2011, p. 188), “tal constatação ganha importância na medida em que, como se sabe, muitas vezes o livro didático é o principal recurso – quando não é o único – de que se valem professores e alunos”, a exemplo das considerações de Neves (2002) destacadas nas linhas precedentes.

De acordo com Eres Fernández (2009, p. 47-49), essa vinculação limitada aos materiais didáticos se dá por diferentes motivos: ausência de recursos financeiros; restrição da possibilidade de seleção do livro didático pelo professor, visto que muitas instituições adotam materiais de uso exclusivo ou efetuam a escolha sem que o docente possa participar do processo; ausência de um acervo variado de livros e outros materiais pedagógicos disponibilizados pelo próprio estabelecimento, o que conduz o docente a efetuar buscas, pesquisas e a preparar suas aulas com base em sua biblioteca pessoal que, em geral, é bastante

reduzida; muitos docentes lecionam em mais de uma escola e, conseqüentemente, se responsabilizam por uma carga horária excessiva, o que diminui o tempo dedicado à preparação de aulas, à seleção, organização e/ou elaboração de materiais variados e adequados a cada contexto, “de tal modo que a melhor solução – quando não a única – é optar apenas pelo seguimento do livro didático e, melhor ainda, se for o mesmo livro para todas as instituições em que leciona” (ERES FERNÁNDEZ, 2009, p. 49).

Sendo assim, respaldados nas afirmações de Neves (2002), Reis (2011) e Eres Fernández (2009), inferimos que, muitas vezes, os docentes tratam em seus cursos os tempos verbais aos quais nos referimos com base em poucos materiais didáticos os quais, por sua vez, costumam abordar o assunto da seguinte maneira:

Em espanhol, o *pretérito perfecto compuesto* e o *pretérito indefinido* correspondem ao pretérito perfeito do português. O primeiro é utilizado com expressões temporais que incluem o presente (*esta semana, hoy, nunca, siempre* etc.). [...] vamos estudar a conjugação dos verbos no *pretérito indefinido*, utilizada com expressões temporais que não incluem o presente (*ayer, el mes pasado* etc.)<sup>20</sup> (MARTIN, 2003, p. 188)

*Cruzaba, guardó, se ha hallado, habían hecho* são tempos do passado. [...] - A segunda forma, *guardó* (*Pretérito Indefinido*), indica uma ação acabada e pontual do passado. Por ex.: *Colón descubrió América en 1492*. - A terceira forma, *se ha hallado* (*Pretérito Perfecto*), indica uma ação do passado que se inscreve no espaço-temporal que não acabou. Por ex.: *Esta mañana ha llovido mucho.\** [...] \*variante peninsular.<sup>21</sup> (PICANÇO; VILLALBA, 2010, p. 82)

Em espanhol, usamos o *pretérito indefinido* para relatar e informar acontecimentos pontuais e concluídos no passado. Em geral, emprega-se este tempo com os marcadores temporais *ayer, anteayer, el año/mes/siglo pasado, hace unos días/unas semanas* etc.<sup>22</sup> (OSMAN et al., 2010, p. 32)

---

<sup>20</sup>No original: *En español, el pretérito perfecto compuesto y el pretérito indefinido corresponden al pretérito perfecto del portugués. El primero, se utiliza con expresiones temporales que incluyen el presente (esta semana, hoy, nunca, siempre, etc.). (...) vamos a estudiar la conjugación de los verbos en pretérito indefinido, utilizada con expresiones temporales que no incluyen el presente (ayer, el mes pasado, etc.)*

<sup>21</sup>No original: *Cruzaba, guardó, se ha hallado, habían hecho son tiempos de pasado. [...]*

- *La segunda forma, guardó (Pretérito Indefinido), indica una acción acabada y puntual del pasado. Por ej.: Colón descubrió América en 1492.*

- *La tercera forma, se ha hallado (Pretérito Perfecto), indica una acción del pasado que se inscribe en el espacio temporal que no ha acabado. Por ej.: Esta mañana ha llovido mucho.\* [...]* \*variante peninsular.

<sup>22</sup>No original: *En español, usamos el pretérito indefinido para relatar e informar acontecimientos puntuales y acabados en el pasado. En general, se emplea este tiempo con los marcadores temporales ayer, anteayer, el año/mes/siglo pasado, hace dos días/unas semanas, etc.*

Observamos, assim, que a abordagem dos tempos verbais em estudo nos diferentes materiais didáticos de ELE<sup>23</sup>, em geral, se resume à apresentação do significado básico de ambos os pretéritos associados a uma relação de marcadores temporais, ou seja, vincula o *Pretérito Indefinido* a ações passadas ocorridas em um espaço de tempo terminado e o *Pretérito Perfecto Compuesto* a situações pretéritas realizadas em um espaço-temporal ainda não encerrado e apresentam os indicadores de tempo como referência para o uso de uma forma verbal ou outra. Em seguida, propõem alguns exercícios de fixação para consolidação do referido conteúdo. Também verificamos que raramente os manuais complementam o assunto com esclarecimentos acerca do uso real desses tempos nas diferentes regiões em que a língua espanhola é idioma oficial.

Podemos afirmar, portanto, que a abordagem escolhida por muitos livros didáticos de ELE é superficial e pouco adequada, uma vez que não esclarecem com precisão o uso dos tempos verbais em estudo, pois não se reportam às diferentes possibilidades de emprego efetivo da língua.

Concluimos, então, que, se os livros didáticos costumam esclarecer o uso desses tempos verbais por meio de explicações insuficientes e, muitas vezes, constituem um dos poucos materiais utilizados pelos professores no tocante ao preparo de suas aulas, a primeira dificuldade em relação ao tema se dá, como já afirmamos, no ensino, visto que o docente se respalda, basicamente, nas informações contidas nesses manuais e podem ser levados a reproduzir o assunto de maneira incompleta e insatisfatória.

Nesse sentido, entendemos que o livro didático é um recurso importante, entretanto, não deve ser a única referência do professor ao preparar suas aulas, como assinalam as OCEM (BRASIL, 2006, p. 154):

É fundamental encarar o livro didático como um ponto de referência para o trabalho docente, como um recurso, não o único, facilitador do processo de ensinar e aprender, como um guia orientador geral, que auxilia na seleção e organização dos objetivos e conteúdos. Visto a partir dessa concepção, o livro didático é – ou deve ser – um recurso a mais, entre tantos, de que o professor dispõe para estruturar e desenvolver seu curso e suas aulas.

---

<sup>23</sup> Esclarecemos que explicações muito próximas à citação destacada também podem ser encontradas nos seguintes materiais didáticos:

- BRUNO, F. C.; MENDOZA, M. A. **Hacia el español**. São Paulo: Saraiva, 2004.
- HERMOSO, A. G.; DUEÑAS, C. R. **Eco**. Edelsa, Grupo Didascalía S.A. Madrid, 2005.
- MELONE, H.; MENÓN, L. **Tiempo español**. São Paulo: Atual Editora, 2007.
- PALOMINO, M. A. **Estudiantes – curso de español**. Edelsa, Grupo Didascalía S.A. Madrid, 2002.
- ROMANOS, H.; CARVALHO, J. P. **Espanhol expansión: ensino médio**. São Paulo: FTD, 2004.
- SOUZA, J. O. **Espanhol para brasileiros**. São Paulo: FTD, 1997.
- \_\_\_\_\_. **¡Por supuesto!: Español para brasileños**. São Paulo: FTD, 2003.

Outra questão que influencia diretamente o processo de ensino e à qual nos reportamos a seguir é a formação de professores de ELE no Brasil, pois entendemos que algumas dificuldades podem estar atreladas a ela.

### **3. O ensino dos pretéritos e a formação de professores**

Como se sabe, a formação de professores de ELE no Brasil ou em qualquer outro lugar do mundo incide diretamente no processo de ensino e de aprendizagem do idioma. No que se refere ao nosso país, existem algumas exigências mínimas. De acordo com a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional* (LDB-EN, 1996):

Art. 62 – A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (BRASIL, 1996)

Dessa forma, o requisito mínimo para lecionar ELE na Educação Básica é ser licenciado em Letras-Espanhol por uma instituição de ensino superior legalmente reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC). Todavia, nem todos os docentes de língua espanhola são devidamente graduados na área. Segundo Eres Fernández (2009, p. 17), existem professores que realizaram uma complementação pedagógica, outros que possuem diplomas convalidados no Brasil por terem seus títulos originários de países estrangeiros e, ainda, docentes que, apesar de não apresentarem a titulação mínima necessária, atuam na Educação Básica, muito embora os preceitos legais exijam formação específica. Cabe ressaltar que essa situação se dá devido à carência de profissionais habilitados para o exercício da docência no referido idioma, especialmente após a sanção da lei 11.161/05, que tornou obrigatória a oferta da língua espanhola em todas as escolas de Ensino Médio do Brasil. No entanto, também é preciso destacar outros fatores da maior importância que contribuem para essa situação, tais como condições de trabalho inadequadas, falta de incentivo à carreira docente, remuneração insuficiente, desprestígio da profissão, desvalorização do ensino e aprendizagem da língua espanhola, ausência de uma consistente política de ensino de línguas estrangeiras etc. Assim, muitas vezes, a atuação como professor ocupa um lugar secundário na vida de profissionais

que, sendo titulados em outras áreas, complementam sua jornada e/ou seu orçamento ministrando aulas.

Conforme as afirmações de Almeida Filho (1992, p. 1-2), uma das dificuldades relacionadas à formação do professor de língua estrangeira é o fato de que, habitualmente, ele “não fala, pouco lê, não escreve e nem entende” o idioma no qual está habilitado a lecionar, aspecto que implica na seleção e organização de conteúdos que costumam ser transmitidos aos alunos de modo extremamente simplificado. Segundo as afirmações do teórico – feitas há mais de duas décadas mas ainda atuais –, a baixa remuneração que obriga o docente a ministrar um número exacerbado de aulas semanais e o fato de as instituições escolares não exigirem uma formação especializada também constituem fatores que contribuem para a precariedade do ensino de línguas no Brasil.

De acordo com o mesmo estudioso (2000, p. 14), é necessário que o professor de línguas obtenha uma sólida formação inicial para atingir seu auge profissional. Contudo, após iniciar a prática docente é preciso que ele permaneça em constante atualização a fim de que se defronte com oportunidades de crescimento e alcance um bom desempenho no exercício de sua função. Já Eres Fernández (2009, p. 17) afirma que, independente da formação inicial, se o professor de ELE não se atualizar frequentemente, é possível que enfrente dificuldades com as quais não seja capaz de lidar com eficácia.

Dessa maneira, observamos que a formação inicial do professor exerce papel fundamental no exercício da docência de ELE. Entretanto, após ingressar no mercado de trabalho é imprescindível que esse profissional se atualize constantemente em sua área de atuação, ou seja, é importante que ele sempre participe de eventos, tais como seminários, palestras, cursos de aperfeiçoamento etc., pois a formação é um processo contínuo que tem início na graduação e “serpenteia pela vida inteira dos professores” (ALMEIDA FILHO, 2006, p. 1).

Associando a precária realidade da formação à atuação de muitos docentes e às dificuldades de ensino dos pretéritos em questão, entendemos haver um direcionamento – até certo ponto justificado – a uma abordagem incompleta e pouco esclarecedora acerca do assunto nas aulas de ELE, visto que reduzem a definição dos tempos a questões puramente linguísticas, atrelando-as à presença ou ausência de determinados marcadores temporais.

Para uma compreensão mais objetiva, no quadro a seguir elencamos uma síntese das dificuldades de ensino relativas aos tempos verbais *Pretérito Indefinido* e *Pretérito Perfecto Compuesto* nas aulas de ELE para falantes do português brasileiro:



**DIFICULDADES DE ENSINO DOS PRETÉRITOS *INDEFINIDO E PERFECTO*  
*COMPUESTO* NAS AULAS DE ELE**

**Dificuldades de ensino:**

- ✓ acesso restrito do professor a variados materiais didáticos de ELE
- ✓ explicações superficiais e/ou incompletas em muitos materiais didáticos de ELE
- ✓ precária formação docente
- ✓ confusão ou desconhecimento profundo dos usos e das conjugações dos verbais em língua estrangeira

Quadro 1 – Síntese das dificuldades de ensino dos pretéritos *Indefinido* e *Perfecto Compuesto* nas aulas de ELE

Assim, e conforme discutimos, a partir do momento em que os professores se deparam com dificuldades como as sintetizadas no quadro anterior, surgem, como consequência, dificuldades de assimilação e aprendizagem capazes de levar, inclusive, à fossilização de erros que, em maior ou menor medida, podem comprometer ou provocar ruídos na comunicação.

**Considerações Finais**

Respaldados nas considerações expostas até aqui, compreendemos que o uso real dos tempos verbais destacados não está atrelado apenas ao espaço-temporal encerrado ou não-encerrado, mas, principalmente, ao vínculo emocional e psicológico que o enunciador possui com o fato consumado, além das questões pertinentes às variações linguísticas peculiares de cada região em que o idioma é falado. Também observamos que os marcadores temporais não devem ser considerados referências fundamentais na escolha de um tempo verbal ou outro, pois, de acordo com as considerações da RAE (2010) e de Matte Bon (2010a), os referidos pretéritos são empregados de maneira alternada em diferentes lugares do universo hispano-falante. Entendemos que os indicadores de tempo utilizados na enunciação são elementos secundários que, em algumas situações, sequer aparecem no discurso.

No tocante à abordagem do tema nas aulas de ELE, concebemos que os professores costumam buscar respaldo em poucos materiais didáticos e acabam reproduzindo informações superficiais acerca do assunto. Entretanto, também convém ter presente outro aspecto que

talvez esteja relacionado a essa situação, qual seja, a maneira como esses tempos verbais são apresentados aos futuros professores do referido idioma durante sua formação inicial nos cursos de graduação, ou seja, o modo como o assunto é discutido - caso seja discutido. Nesse sentido, reportamo-nos à visão apresentada por Almeida Filho há duas décadas (1992) quando ele afirmava que, naqueles anos, muitas vezes o professor concluía o curso universitário sem dominar o idioma estrangeiro em que estaria habilitado a lecionar. No caso dos pretéritos que nos ocupam, ocorreria algo semelhante na formação dos docentes de espanhol? Durante o curso de graduação o assunto seria tratado de maneira insuficiente?

Consoante às considerações já explicitadas, verificamos que a dificuldade vinculada à compreensão dos tempos verbais em análise nas aulas de ELE para falantes do português brasileiro consiste, principalmente, na relativa semelhança entre as formas verbais compostas em língua espanhola e em língua portuguesa, a despeito de seus significados serem diferentes. Assim, o problema maior gira em torno de uma característica que, a nosso ver, pode ser sanada por meio da análise contrastiva entre os idiomas. Entendemos que se a língua materna dos estudantes é o português, se eles dominam o uso deste idioma e se os principais problemas os quais detectamos na correlação entre os pretéritos em foco no espanhol e no português vinculam-se ao uso nas duas línguas, o apoio na Linguística Contrastiva pode ser de grande utilidade, pois buscará respaldar-se naqueles conhecimentos já adquiridos pelos estudantes, isto é, a ênfase girará em torno daquilo que é conhecido pelos alunos, ou seja, o uso dos pretéritos em língua portuguesa.

## Referências

ALARCOS LLORACH, Emilio. *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe, 1995.

ALCARAZ, Rafael Camorlinga. Do português ao espanhol: os prós e os contras da proximidade. In: João Sedycias (Org.). *O ensino do espanhol no Brasil: passado, presente e futuro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 79-101.

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 24. ed. São Paulo: Saraiva, 1973.

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes de. O professor de língua estrangeira sabe a língua que ensina? A Questão da instrumentalização linguística. *Revista Contexturas*. São Paulo: APLIESP, vol. 1, 1992. p. 77-85.

\_\_\_\_\_. Crise, transições e mudança no currículo de formação de professores de línguas. In: Mailce Borges Mota Fortkamp; Lêda Maria Braga Tomitch (Orgs.). *Aspectos da lingüística aplicada*. Florianópolis: Insular, 2000. p. 33-47.

\_\_\_\_\_. Conhecer e desenvolver a competência profissional de professores de LE. *Revista Contexturas: ensino crítico de língua inglesa*. São Paulo: APLIESP, vol. 9, 2006. p. 9-19, Edição especial.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* 12. ed. São Paulo: Ática, 2006.

\_\_\_\_\_. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. ampl. Conforme o novo acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Lei nº 11.161 de 05 de agosto de 2005. Dispõe sobre o ensino da Língua Espanhola. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, 08 ago. 2005, disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.htm)> [Acesso em: 29 maio 2015].

BRASIL. *Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Secretaria da Educação Básica, v. 1, 2006. p. 127-164.

CAMORLINGA, Rafael. *A distância da proximidade: a dificuldade de aprender uma língua fácil*. São Paulo: Intercambio, vol. VI, 1997.

CARTAGENA, Nelson. Los tiempos compuestos. En: Ignacio Bosque; Violeta Demonte Barreto (dir.), *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa Calpe S.A. - Real Academia Española, Colección Nebrija y Bello, v. 2, 1999, p. 2935-2975.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindlay. *Nova gramática do português contemporâneo*. 4 ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.

DURÃO, Adja Balbino de Amorin Barbieri. Los errores típicos de brasileños aprendices de español y la fosilización. In: Adja Balbino de Amorin Barbieri Durão; Otávio Goes Andrade. (Orgs.) *Anais das II Jornadas de Estudos Hispânicos: Problemas de Ensino/Aprendizagem de Brasileiros Estudantes de Espanhol*. Londrina: Eduel, v. 1, 2000. p. 43-54.

\_\_\_\_\_. *Análisis de errores en la interlengua de brasileños aprendices de español y de españoles aprendices de portugués*. 2. ed. mod. Londrina: Eduel, 2004.

DURÃO, Adja Balbino de Amorin Barbieri; ANDRADE, Otávio Goes. La Gramática en los libros didácticos de español para brasileños y su relación con el estilo de aprendizaje y la tradición de la enseñanza de español en Brasil. En *Actas del XV Congreso Internacional de ASELE*, Sevilla, 2004. p. 266-272, disponível em: <[http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca\\_ele/asele/pdf/15/15\\_0264.pdf](http://cvc.cervantes.es/ensenanza/biblioteca_ele/asele/pdf/15/15_0264.pdf)> [Acesso em: 29 maio 2015].

ERES FERNÁNDEZ, Isabel Gretel Maria. *Incidências e relações de alguns aspectos psicopedagógicos em materiais didáticos de espanhol e em cursos de formação de professores*, Relatório final de pesquisa individual vinculada ao Programa de estágio-docente

no exterior – pró-reitoria de pós-graduação da USP, 2009. Trabalho inédito, não publicado, cedido pelo autor.

GREGOLIN, Maria do Rosário de Fátima Valencise. *Português e espanhol: enfrentando as discursividades*. São Carlos, SP: Claraluz Editora, 2002. (Apresentação de livro)

GUTIÉRREZ ARAUS, Maria Luz. *Formas temporales del pasado en indicativo*. 2. ed., Madrid : Arco libros, 1997.

MATTE BON, Francisco. Hacia una gramática de los porqués y de los cómo. *MarcoELE: Revista de didáctica ELE*, n. 8, 2009. p. 75-81, disponível em: <[http://marcoele.com/descargas/expolingua1994\\_matte.pdf](http://marcoele.com/descargas/expolingua1994_matte.pdf)> [Acesso em: 29 maio 2015].

\_\_\_\_\_. *Gramática comunicativa del español – Tomo I*, 13. reimp. rev. Madrid: Edelsa, 2010a.

\_\_\_\_\_. De nuevo la gramática. *MarcoELE: Revista de didáctica ELE*, n. 11, 2010b. p. 246-266, disponível em <<http://marcoele.com/descargas/navas/11.matte.pdf>> [Acesso em: 29 maio 2015].

MARTIN, Ivan Rodrigues. *Espanhol série Brasil*. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_. *Síntesis: curso de lengua española*. São Paulo: Ática, 2010, 3 v.

MUSTO, Salvatore. Eficacia didáctica de la nomenclatura de los tiempos del pasado en la adquisición de ELE en aprendices itálofonos. *Revista Electrónica de Didáctica del Español como Lengua Extranjera*, n. 18, 2010. p. 1-12, disponível em <[http://www.educacion.gob.es/dctm/redele/Material-RedEle/Revista/2010\\_18/2010\\_redELE\\_18\\_03Musto.pdf?documentId=0901e72b80dd3179](http://www.educacion.gob.es/dctm/redele/Material-RedEle/Revista/2010_18/2010_redELE_18_03Musto.pdf?documentId=0901e72b80dd3179)> [Acesso em: 29 maio 2015].

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática: história, teoria, análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

OSMAN, Soraia et al. *Enlaces: español para jóvenes brasileños*. 2. ed. São Paulo: Macmillan, 2010. 3 v.

PICANÇO, Deise Cristina de Lima; VILLALBA, Terumi Koto Bonnet. *El Arte de Leer Español*. 2. ed. Curitiba: Base Editorial, 2010. 3 v.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. 23. Reimpresión. Madrid: Espasa Calpe, 2006.

\_\_\_\_\_. *Nueva gramática de la lengua española – manual*. Madrid: Espasa Libros, S. L., 2010.

REIS, Marta Aparecida Oliveira Balbino de. *O modo indicativo do espanhol: estratégias de aprendizagem, crenças e ensino a/por brasileiros*. 2011. 249f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

SALINAS, Arturo. Ensino de espanhol para brasileiros: destacar o uso ou a forma? In: João Sedycias (Org.), *O ensino de espanhol no Brasil: passado, presente e futuro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 54-60.

SÁNCHEZ PÉREZ, Aquilino. *Los métodos en la enseñanza de idiomas: evolución histórica y análisis didáctico*. 2. ed. Madrid: SGEL, 2000.

SOLER, Caroline. Alves. *¿Comprendí o he comprendido?: procedimentos de ensino dos tempos verbais pretérito indefinido e pretérito perfecto compuesto nas aulas de Espanhol Língua Estrangeira (ELE)*. 2013. 255f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.